

Apenas não andava completamente só, devido à aderência dos amigos que estavam à altura de compreendê-lo e que, não se esquivavam de dirigirem-se a ele e, às vezes, retê-lo no piso ou acompanhá-lo até o ponto a que se dirigisse com hora marcada. Era comum ver-se levado até a porta da *Careta*.

Visto na rua ou num salão, quem não o conhecesse pessoalmente, não o perceberia como o grande intelectual que era. Sob esse aspecto era um pálida figura. Sua conversa, entretanto, era fácil, natural, desataviada (na voz fraca) e atraente. E chegava a ser absorvente se a audiência pudesse acompanhá-lo e à alta *étager* de assunção de grandes problemas.

“— Na Europa, os camponeses sofrem. . .

— Oh! Lá é outra coisa! Há uma literatura, um pensamento, que vincula grandes idéias, que espalham o são espírito pela individualidade humana — fonte de simpatia pelos fracos, preocupada e angustiada com os destinos humanos. Aqui, o que há?

— Alguma coisa.

— Nada. A nossa emotividade literária só se interessa pelos populares do sertão, unicamente porque são pitorescos e talvez não se possa verificar a verdade de suas criações. No mais, é uma continuação do exame de português, uma retórica mais difícil a se desenvolver por este tema sempre o mesmo: Dona Dulce, moça de Botafogo em Petrópolis, que casa com o Dr. Frederico. O Comendador seu pai não quer, porque o tal Dr. Frederico, apesar de doutor, não tem emprego. Dulce vai à superiora do colégio das irmãs. Esta escreve à mulher do Ministro, antiga aluna do colégio, que arranja um emprego para o rapaz. Está acabada a história. É preciso não esquecer que Frederico é moço pobre, isto é, o pai tem dinheiro, fazenda ou engenho, mas não pode dar uma mesada grande. Está aí o grande drama de amor em nossas letras, e o tema de seu ciclo literário. Quando tu verás, na tua terra, um Dostoievski, um George Elliot, um Tolstoi — gigantes destes, em que a força de visão, o ilimitado da criação, não cedem passo à simpatia pelos humildes, pelos humilhados, pela dor daquelas gentes donde às vezes não vieram — quando?

74

VSATR - tese

Humilhados e órfãos - Dostoievski

— A nossa gente não sofre, é insensível.

— Diz a sério? E logo acrescentou: Sofre. Sim. Sofre a sua própria humanidade.

O meu amigo falava calmo, mas com um travo de azedume na voz.

— Se eu pudesse, aduziu, se me fosse dado ter o dom completo de escritor, eu havia de ser assim um Rosseau, ao meu jeito, pregando à massa um ideal de vigor, de violência, de força, de coragem calculada, que lhes corrigisse a bondade e a doçura deprimente. Havia de saturá-la de um individualismo feroz, de um ideal de ser como aquelas trepadeiras de Java, amorosas de sol, que coleiam pelas grossas árvores da floresta e vão por ela acima mais alto que os mais altos ramos para dar afinal sua glória em espetáculo. Sabes de quem é?

— Não.

— É daquele que ‘aumenta a força vital’.

No curso do diálogo pusera-se de pé.”

(Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá)

Podia-se dizer que sua explanação se mantinha ou ia ao alcance da capacidade do ouvinte, pois, a cultura bastante ampla, variada e muito bem assimilada estava nele apta a ser a qualquer instante debitada. Ainda que não fosse um cientista, um filósofo, um sociólogo, era um erudito bem informado a respeito das grandes doutrinas, manipulando-as, no decorrer da conversa tão adequadamente e com tanta suficiência de substância que, para muita gente, uma ou duas horas de contacto valiam por lições facilmente compreendidas. Quem com essa facilidade transmitia aos outros na simplicidade de uma linguagem agradável os conhecimentos mais profundos era também o mais atento ouvinte para os circunstantes fossem ignaros ou cultos.

“De tarde, se o viam passear pela margem do Tubiaca-  
ga sentando-se aqui e ali, olhando perdidamente as águas claras do riacho, cismando diante da penetrante melancolia do crepúsculo, todos se descobriam e não era raro que às ‘boas-

75

Tubiaca-  
ga